

## TEORIA E PRÁTICA DA FRASEOLOGIA DE ESPECIALIDADE: APLICAÇÕES

Isabel Desmet\*

**RESUMO:** O presente artigo trata de questões teóricas e práticas da fraseologia de especialidade. Procura mostrar as relações existentes entre a teoria e a prática e as aplicações directas deste campo dos estudos linguísticos: lexicografia, tradução e ensino/aprendizagem das línguas. Apresenta uma panorâmica da evolução dos estudos fraseológicos da língua geral e das línguas especializadas ao longo do século XX. Propõe um modelo teórico de análise e representação das fraseologias especializadas, comportando quatro níveis de análise linguística: léxico, sintaxe, semântica e pragmática.

**Palavras-chave:** línguas especializadas, fraseologia de especialidade, terminologia, léxico, sintaxe, semântica, pragmática.

### INTRODUÇÃO

**N**os últimos quinze a vinte anos do século passado, assistimos a uma abertura do domínio da terminologia ao domínio da fraseologia que conduziu, entre outras evoluções, a um descongestionamento das práticas terminológicas perante o vasto universo das línguas de especialidade.

De um ponto de vista teórico, certos linguistas começam a ver nas terminologias uma componente (a componente lexical) entre outras das línguas de especialidade, sendo estas constituídas por muitos elementos linguísticos ainda hoje mal descritos, anali-

---

\* Universidade de Paris 8, França.

sados ou representados. Começou-se, então, a constatar que as unidades terminológicas (unidades lexicais especializadas) possuem uma complexidade semântica muito maior do que a postulada pela Teoria Geral da Terminologia e que essa complexidade semântica advém da variedade dos elementos que se combinam com as unidades terminológicas nos textos, nos discursos constituindo as línguas especializadas. Essa aptidão lexical para a combinação – em particular para combinações preferenciais – é um fenómeno típico de todas as línguas naturais, quer no seu funcionamento comum, quer no seu funcionamento especializado. Este facto é bem conhecido de todos aqueles que se servem das línguas de especialidade e, em particular, daqueles que trabalham num contexto interlinguístico. É assim que surge a necessidade de se distinguir unidades superiores aos termos e de se determinar o papel dessas unidades – funcionais e nocionais – que ultrapassam o âmbito da descrição tradicional das unidades terminológicas.

De um ponto de vista mais prático, as lacunas reveladas pelos produtos terminográficos fabricados nos últimos decénios do século passado, incompletos e inadequados para satisfazer as necessidades dos utilizadores das línguas especializadas, também contribuíram em muito para o desenvolvimento dos estudos fraseológicos. Os trabalhos terminográficos fundados na Teoria Geral da Terminologia – baseados unicamente nos conceitos, suas denominações e relações conceptuais no interior de um domínio – não satisfazem as necessidades de expressão nas línguas de especialidade, que ultrapassam em muito o estrito plano lexical.

A aquisição do saber especializado, a aprendizagem das línguas estrangeiras, a produção do discurso especializado na redacção científica e técnica e a tradução especializada requerem informações de outra ordem, em particular relativas aos níveis sintáctico e pragmático das línguas, no seu funcionamento especializado.

Como corolário lógico, a problemática da fraseologia de especialidade ganha um novo interesse nos anos 1980/1990. Para o estudo desta componente, torna-se necessário um retorno aos

contextos, aos textos, aos discursos técnico-científicos. O desenvolvimento da linguística de *corpus* não é alheio a este movimento. Lugar de encontro de uma tradição anglo-saxónica de linguística descritiva baseada em *corpora* electrónicos e dos avanços no processamento automático da linguagem natural, a linguística de *corpus* conduziu a uma verdadeira renovação nos estudos fraseológicos e a lexicografia especializada começa a utilizar os seus métodos e instrumentos.

Porém, ainda hoje as teorias e práticas estão longe de serem unificadas e encontramos grandes divergências nos seus fundamentos.

Quanto ao estatuto das unidades fraseológicas, um aspecto parece ser consensual: trata-se de unidades que se situam entre o léxico e a sintaxe.

Quanto aos processos para a sua identificação, extracção e gestão, esses variam consoante a abordagem adoptada e merecem uma reflexão desenvolvida.

Finalmente, no que respeita aos modelos de análise e representação da fraseologia de especialidade, estes dependem directamente dos princípios e métodos adoptados.

Em todo o caso, a fraseologia constitui hoje um verdadeiro campo de investigação da linguística, em particular da linguística de especialidade. O seu estudo requer, a nosso ver, um trabalho prévio de análise de vastos *corpora* textuais, de diferentes tipos (por exemplo, dos textos altamente especializados aos textos de banalização), um estudo comparativo de fraseologismos de domínios científicos e técnicos variados e, sobretudo, um estudo comparativo da fraseologia de línguas diferentes. A fraseologia comparativa deve constituir uma finalidade em si, se a quisermos pôr ao serviço da tradução, do ensino/aprendizagem das línguas maternas e estrangeiras e da lexicografia bi- ou multilíngue.

No presente artigo e numa primeira parte, abordaremos a renovação nos estudos fraseológicos nos últimos anos do século passa-

do. Numa segunda parte, procederemos a uma breve apresentação das diferentes teorias e práticas da fraseologia, da língua geral às línguas de especialidade, para chegarmos às nossas propostas teórico-metodológicas numa última parte. Na base do nosso modelo encontra-se um princípio: a fraseologia de especialidade deve ser vista como uma zona fronteira entre léxico, sintaxe, semântica e pragmática. Deve igualmente ser estudada na dialéctica língua-usos, integrando-se à partida no modelo os mecanismos de variação.

## 1. FRASEOLOGIA E INOVAÇÃO NOS ESTUDOS TERMINOLÓGICOS

### 1.1 A fraseologia: uma componente central das línguas especializadas

A partir dos finais dos anos 1980, a Teoria Geral da Terminologia começa a ser posta em causa, sendo possível constatar-se, através de uma vaga de publicações científicas, uma nova tendência nas investigações terminológicas: a tomada em consideração dos termos nos textos, nos discursos, pois as unidades lexicais especializadas, como todas as unidades lexicais, caracterizam-se por um funcionamento sintáctico particular, obedecendo a condições pragmáticas de uso. Os termos, enquanto signos linguísticos, pertencem aos sistemas das línguas, funcionando segundo as regras sintácticas e as condições pragmáticas de cada língua.

A noção de texto marca assim esta época, como assinala R. Kocourek (1991b, p. 71), e a dimensão textual vem enriquecer a reflexão terminológica. O terminólogo é incitado nos textos teóricos (ver Desmet, 1991 e 1994) a olhar os textos especializados como lugares de conceptualização, mas também como lugares de expressão especializada. E o plano da expressão depende tanto do léxico, como da sintaxe e da pragmática.

Vários autores começam, então, a reflectir sobre os laços existentes entre as terminologias e os textos, com o objectivo de extrair dados linguísticos ligados ao funcionamento das termino-

logias nos textos e discursos especializados, nomeadamente de dados relativos ao funcionamento sintáctico e discursivo dos termos (note-se, na bibliografia, os artigos sobre as relações entre terminologias e textos que datam dos inícios dos anos 1990). Como observa J. Lerthouiller (1991, p. 92),

"il n'est pas un colloque, pas un événement centré sur la traduction ou la terminologie où la question de l'intérêt présenté par la cooccurrence en langues de spécialité ne soit soulevée. L'observation que l'on fait couramment est que les outils décrivant la façon d'utiliser les mots en discours, le comportement syntagmatique des termes sont rares".

O texto passa, deste modo, a constituir um "novo campo" para os estudos terminológicos e começa a ser definido como um espaço de análise dos termos no seu comportamento sintagmático e das possibilidades de combinação com outras unidades do discurso técnico e científico. Esta abordagem é designada por R. Kocourek (1991b, p. 71) "abordagem léxico-textual".

Vários autores expõem a utilidade de uma linguística textual, cobrindo diferentes níveis de análise linguística, e insistem numa componente das línguas de especialidade cuja existência foi durante muito tempo negada nos estudos terminológicos que seguiam os preceitos da Teoria Geral da Terminologia, isto é, a componente colocacional:

"les collocations repérées complètent d'une manière nouvelle et utile notre connaissance du terme, et montrent souvent l'insuffisance de la position terminologique qui suppose le contexte sans intérêt" (Kocourek, 1991b, p. 73).

E o autor conclui:

"outre sa valeur théorique et méthodologique, l'approche lexico-textuelle est plus pertinente dans les domaines connexes de la technolinguistique: la traduction spécialisée, la didactologie de la langue de spécialité, la lexicographie spécialisée, l'étude terminologique normalisatrice et l'aménagement linguistique" (Kocourek, 1991b, p. 73).

A "reconciliação" entre terminologia e linguística textual teve várias consequências, sendo uma delas – e talvez a principal – a ruptura com o paradigma terminológico vigente.

A abordagem textual conduz também a uma revalorização do contexto nos estudos terminológicos. Quem fala de texto fala também de contexto e de co-texto. Surgem várias publicações apresentando tipologias de contextos (ver, por exemplo, B. de Bessé, 1991, p. 111-20), valorizando o contexto linguístico, isto é, aquele

"...qui met en situation le terme, illustre son usage normal et son comportement dans la langue, présente les constructions syntaxiques les plus courantes et met en évidence les collocations les plus caractéristiques" (de Bessé, 1991, p. 115).

Retomaremos uma ideia de base nossa, para concluir este ponto:

"nous pouvons donc conclure avec l'idée que le contexte, vu comme point de départ, est un élément fondamental pour tout travail terminologique. S'il possède des informations sémantiques, il est le point de départ de l'élaboration de la définition et de la systématisation des informations d'ordre notionnel. S'il comporte des informations syntaxiques et stylistiques, il constitue le point de départ de l'analyse et de la description du comportement linguistique des unités terminologiques. Les exigences syntaxiques et les contraintes stylistiques déterminent les combinaisons des unités terminologiques avec d'autres unités des discours scientifiques. Le phénomène est globalement appelé 'phraséologie'" (Desmet, 1996, p. 296).

Os diferentes trabalhos teóricos e práticos desenvolvidos ao longo dos anos 1990, inscritos num modelo teórico de linguística textual, contribuíram em muito para fazer da fraseologia uma componente central das línguas especializadas.

#### 1.2 Linguístico de *corpus* e fraseologia: renovação dos estudos linguísticos

A linguística de *corpus*, tal como é entendida hoje, ou seja, como lugar de confluência da linguística descritiva apoiando-se em *corpora*

electrónicos e do processamento automático da linguagem natural, também tem contribuído para uma renovação dos estudos linguísticos em geral e do fenómeno fraseológico em particular. A utilização de *corpora* textuais electrónicos não é propriamente uma novidade. O que é novo é o enriquecimento dos *corpora* com informação morfológica, sintáctica, semântica, prosódica... Os anos 1980 foram dedicados à etiquetagem morfo-sintáctica. Os anos 1990 ao desenvolvimento de *corpora* arborescentes e às anotações semânticas.

O processamento de *corpora* de línguas de especialidade desenvolve-se nesta última década e as fraseologias suscitam um novo interesse, tanto em linguística como no processamento automático da linguagem natural. A este propósito, B. Habert *et alii* (1997, p. 56) pronunciam-se claramente:

"nous centrons notre analyse sur le traitement de la dimension phraséologique – ce sont les expressions figées, les mots composés, mais surtout en langue de spécialité – ce sont les termes".

Deste ponto de vista, o fenómeno fraseológico cobre as expressões feitas, as unidades lexicais sintagmáticas, as locuções adverbiais, preposicionais, conjuncionais..., isto é, todo um conjunto de unidades polilexicais. A evolução dos formalismos no sentido da lexicalização ou, por outras palavras, a passagem de regras gerais para regras que dão conta das particularidades de emprego das unidades lexicais, faz-se acompanhar de uma renovação nos estudos e no tratamento das expressões fixas.

A linguística de *corpus* permite assim procurar e identificar as realizações efectivas de uma dada expressão fixa ou semi-fixa. Por outro lado, o conjunto das unidades polilexicais sendo um conjunto aberto por definição, é por este meio que o léxico se enriquece, nomeadamente nos domínios científicos e técnicos.

Partindo da ideia da recolha de variações de expressões feitas da língua geral ou de termos das línguas de especialidade, chega-se à concepção de programas ditos de extracção ou aquisição terminológica, que procuram de forma sistemática variações denomina-

tivas possíveis num *corpus* e propõem “candidatos a termos”, melhorando consideravelmente a descrição lexicográfica.

Um outro salto qualitativo na linguística de *corpus* consiste na passagem de *corpora* monolíngues para *corpora* bi- ou plurilíngues, ditos alinhados. Estes *corpora* de bi-textos – pares de textos em que um é a tradução de outro e para os quais existe um sistema de relações entre segmentos textuais (secção, parágrafo, frase) – permitem uma análise fraseológica inter-linguística mais fina, pondo em evidência os diferentes graus de fixidez ou fixação existentes entre diferentes línguas.

Do ponto de vista do processamento automático da linguagem natural, a dimensão fraseológica está directamente ligada ao grau de fixação, às restrições sintácticas e às regularidades de emprego, e cobre vários elementos de natureza diferente (das expressões idiomáticas aos termos científicos e técnicos), o todo sendo designado “unidades polilexicais”.

A análise sintáctica e semântica automática, a representação dos conhecimentos e a estatística textual, embora nas fronteiras da linguística, interessam directamente o estudo sistemático dos fenómenos colocativos e fraseológicos, da micro-sintaxe das entradas lexicais, o estudo das línguas de especialidade, das tipologias textuais.<sup>1</sup>

### 1.3 Fraseologia e aplicações: tradução, lexicografia e ensino/aprendizagem das línguas

Todos os linguistas que se debruçam sobre os aspectos linguístico-discursivos das terminologias concordam no que respeita às necessidades dos utilizadores das línguas especializadas, entre os quais se destacam os tradutores e redactores técnicos, cujo

<sup>1</sup> Para estas questões, ver *Actes des quatrièmes rencontres Terminologie et Intelligence Artificielle*, URI-INIST, Nancy, 2001.

trabalho assegura em grande parte os intercâmbios científicos e técnicos internacionais (ver, por exemplo, U. Heid e G. Freibott, 1991; Y. Gambier, 1992; B. Cohen, 1992; H. Béjoint e Ph. Thoiron, 1992; C. Lainé, 1993; Laubier e Rousseau, 1994/1995, e outros).

Toda e qualquer língua natural, na sua funcionalidade científica e técnica, privilegia certas combinações que interessam directamente à tradução, pois são os tradutores os mais preocupados com a idiomática e eficácia do discurso especializado. Os problemas ligados às características linguísticas das combinações preferenciais de lexemas constituem um dos obstáculos à idiomática numa língua estrangeira.

Para além do emprego do termo correcto, o conhecimento do seu comportamento sintáctico é igualmente essencial para quem quer exprimir-se com exactidão na sua língua materna ou numa língua estrangeira. O objectivo principal do ensino das línguas especializadas é o de dar aos aprendentes a capacidade de produzir textos especializados (escritos e orais) coerentes do ponto de vista terminológico e correctos do ponto de vista idiomático e estilístico. O ensino/aprendizagem de uma língua no seu comportamento especializado comporta aspectos morfológicos, lexicais, semânticos, sintácticos e pragmáticos. Muito raramente o docente ou aprendente dispõe de instrumentos terminográficos aptos a fornecerem os empregos sintácticos das unidades terminológicas e as restrições estilísticas próprias de cada especialidade, de cada texto ou tipo de discurso, de cada língua ou cultura.

Paradoxalmente, o ensino das línguas de especialidade e a tradução especializada constituem as aplicações mais directas dos estudos terminológicos e, num sentido mais lato, da linguística de especialidade.

No domínio dos dicionários especializados, existem no entanto alguns precursores, tratando a componente fraseológica das línguas especializadas, como por exemplo o *Dictionnaire contextuel de français pour la géologie*, de Jean-luc Deschamps e da equipa do CREDIF (1976), o já clássico *Lexique des cooccurrents de la bourse*.

*Conjoncture économique*, de B. Cohen (1986), o *Vocabulaire combinatoire de la CFAO mécanique*, de C. Lainé (1993), etc. Para o português é mais difícil fornecer bons exemplos.

A componente fraseológica das línguas especializadas foi objecto de várias reflexões em colóquios e congressos nos inícios dos anos 1990 (Hull, 1993; Québec, 1992; Ottawa, 1994), nos quais se apresentou a importância dos estudos fraseológicos para a lexicografia de especialidade. Destacou-se, então, uma terminologia aparentemente redundante em torno do fenómeno: combinatório, co-ocorrência, colocação, comportamento sintagmático, fraseologismo, fraseo... Esta profusão de termos, bem como a pluralidade de perspectivas, deve-se em grande parte a diferentes tradições nos estudos fraseológicos da língua geral, da tradição contextualista britânica – desde que J. Firth utilizou o termo “colocação” nos anos 1950 – aos trabalhos de Hausmann e Kromann, na Alemanha, passando pelo modelo de I. Mel’cuk, no Canadá, sobre a combinatória lexical (iniciados nos anos 1980 e dando origem ao *Dictionnaire explicatif et combinatoire du français contemporain*. Aliás, este modelo é frequentemente integrado na concepção de extractores de terminologias (ver, por exemplo, Habert *et alii*, 1997).

Na moderna lexicografia electrónica, que integra programas de extracção de terminologias a partir de bases textuais, permitindo o acesso rápido a co-ocorrentes, a fraseologia de especialidade está directamente ligada à regularidade das combinações e à sua frequência.

Porém, as principais questões subjacentes ao estudo da fraseologia das línguas de especialidade continuam a ser as mesmas e a questão não nos parece resolvida, apesar dos avanços da linguística de *corpus* e seus utensílios informáticos:

- qual é a natureza da fraseologia especializada?
- como definir o fraseologismo e como caracterizá-lo?
- entre léxico e sintaxe, entre léxico e discurso, como situar a componente fraseológica e, em particular, nas línguas especializadas?

## 2. TEORIAS E PRÁTICAS DA FRASEOLOGIA

### 2.1 fraseologia na língua geral

A existência de afinidades entre palavras é uma realidade evocada há muito por vários linguistas (Sweet, 1899; Bally, 1951; Firth, 1957, etc.). Estas afinidades engendram um fenómeno de co-ocorrência para certas unidades, formando assim grupos preferenciais na cadeia sintagmática. É de notar a diversidade de denominações para estas combinações mais ou menos fixas: fraseologia, expressões idiomáticas ou usuais, idiotismos, colocações, máximas, clichés, adágios, ditados, provérbios, expressões feitas, fórmulas estereotipadas... Entre os sintagmas lexicais e as macro-estruturas discursivas, há lugar para certos enunciados, por alguns designados expressões ou locuções. Eles caracterizam-se, de maneira global, pela “fixação” entre as componentes de uma lexia complexa, pelo “ligamento” que determina a ocorrência de uma expressão pelas suas condições de enunciação, situacionais ou temáticas, e que se faz acompanhar por uma fixação da expressão “ligada”; e os fraseotemas ou modelos de textos em que a fixação das expressões está mais ou menos presente (ver *La locution en discours*, 1995; *La locution entre langue et usages*, 1997; *La locution: entre lexique, syntaxe et pragmatique*, 1997).

Devido à multiplicidade de abordagens, designações e tradições, limitaremos aqui as nossas reflexões a algumas tendências na abordagem da fraseologia para as línguas em geral.

Na tradição de Genebra e no seu *Traité de stylistique française*, C. Bally (1909/1951, p. 70) distingue “sintagma” e “grupo aglutinado”. Os sintagmas serão livres gramaticalmente ou semanticamente, enquanto os grupos aglutinados comportarão elementos pouco ou nada livres. E Bally fornece uma primeira definição de unidades fraseológicas:

“entre les cas extrêmes (groupes passagers et unités indécomposables) se placent des groupes intermédiaires appelés séries phraséologiques” (1909/1951, p. 66).

Ao definir as unidades fraseológicas como unidades situadas entre as unidades fixas e as combinações passageiras, o autor exclui as unidades acabadas, totalmente fixas, como o provérbio, o adágio, a máxima... Note-se, no entanto, que certos autores tratam estas formas fixas no âmbito da fraseologia, o que suscita confusão (devido estas ser tratadas, a nosso ver, no vasto campo da "fixação").

É claro que, para Bally, as unidades fraseológicas são combinações recorrentes, mais ou menos estabilizadas, de formas lexicais e gramaticais, mas sujeitas a variação. C. Bally fornece, na nossa opinião, a primeira definição "moderna" de unidades fraseológicas: estas reenviam para formas sintácticas associadas a funcionamentos discursivos, submetidos a certas regras (distribuição restrita, frequência e um certo grau de fixação). Note-se que é assim que elas são definidas por certos autores contemporâneos (ver, por exemplo, P. Fiala, 1987; Y. Gambier, 1992).

No contexto britânico, J. Firth é um dos primeiros linguistas a abordar o fenómeno da combinatória nos seus trabalhos, de 1935 a 1957, falando de colocações, denominação usual a partir dos anos 1950 na língua inglesa (R. Roberts (1993) constata que em inglês o termo fraseologia é relativamente recente).

Sem pretendermos resumir aqui os trabalhos do contextualismo britânico, notemos no entanto certos aspectos de importância maior.

No início, os contextualistas não procuraram fornecer uma teoria da combinatória, o que só viria acontecer mais tarde quando a abordagem contextualista se combinou com a léxico-estatística, baseada na análise de *corpus* (ver ponto precedente). J. Firth (mas também Halliday, Sinclair e outros) considera que as colocações, combinações de palavras usuais mas não inteiramente fixas, constituem a fraseologia. Ele inclui na categoria das colocações combinações do tipo Nome + Nome, como por exemplo *aptitude test*, isto é, termos compostos. O *BBI Combinatory Dictionary of English* apresenta as colocações como "fixed, identifiable, non idiomatic phrases and constructions" e os seus autores distinguem as colocações

lexicais (substantivos, adjectivos, verbos e advérbios) e as colocações gramaticais. Para estes, as expressões idiomáticas não são colocações e não entram na categoria da fraseologia.

No contexto alemão, os germanistas lexicólogos e lexicógrafos abordam normalmente o problema da fraseologia em termos de valências, predominantemente de verbos e adjectivos. Aqui não nos dedicaremos a essa tradição. Limitar-nos-emos a resumir a posição de Hausmann, que se encontra na base dos trabalhos de U. Heid e G. Freibott, sobre a fraseologia das línguas de especialidade. Hausmann (1985) parte da ideia de que, numa colocação, existe uma base e um colocador ou colocativo, isto é, uma combinação polar, não arbitrária, de dois lexemas, com um carácter convencional, no interior de um grupo linguístico. O autor apresenta como modelos grupos do tipo nome + nome, nome + adjectivo, nome + verbo, adjectivo + advérbio e verbo + advérbio... Distingue ainda combinações fixas (locações idiomáticas) e não fixas (colocações).

No contexto russo-canadiano, vejamos a posição de I. Mel'cuk, que tem inspirado em muito certos autores que trabalham directamente com o processamento automático da linguagem natural. O modelo de I. Mel'cuk (1992, p. 9-10), baseado na teoria sentido-texto, é um modelo essencialmente semântico. No âmbito desta teoria, Mel'cuk concebe a colocação como sendo composta por dois elementos ligados, no plano semântico, por uma função lexical. O linguista, apoiando-se no aspecto da composicionalidade, distingue três tipos de combinações: os frasemas ou agrupamentos sintagmáticos puros, os quase-frasemas ou lexias e as colocações, que são descritas como sendo combinações parcialmente composicionais. U. Heid (1991), ao fazer uma síntese do modelo de Mel'cuk, chega à conclusão de que, quanto às colocações, é preciso ter em conta quatro níveis de análise – morfologia, sintaxe, semântica e pragmática – posição que nós temos abraçado e demonstrado ao longo dos nossos trabalhos (ver Desmet, 1991, 1994, 1996). No entanto, a aplicação das funções lexicais de I. Mel'cuk depende muito dos domínios do conhecimento.

Para concluir este ponto, notemos que a maior parte dos modelos teóricos se aplica à língua geral. Porém, não existe propriamente um consenso e o conceito de fraseologia para uns cobre todo o tipo de combinações e para outros exclui as unidades lexicais sintagmáticas. Para outros ainda, as expressões totalmente fixas. A maioria considera, contudo, as fraseologias como combinações usuais, não-idiomáticas, semi-fixas, com um certo grau de variação. Alguns modelos são essencialmente sintáticos, outros semânticos e muito poucos integram a dimensão pragmática.

## 2.2 fraseologia nas línguas especializadas

A partir dos dados da fraseologia da língua geral, vários autores se dedicaram à análise das convergências e das divergências entre fraseologia da língua geral e fraseologia das línguas de especialidade (ver, por exemplo, M. Cormier, 1989; A. L. Kjaer, 1990; H. Picht, 1990).

Profundamente influenciados pelas separações rígidas entre língua geral e línguas de especialidade, entre termos e não-termos, entre lexicologia e terminologia – herdadas da Teoria Geral da Terminologia – a maior parte dos autores acentua sobretudo as diferenças, o que conduz a uma visão simplista da realidade. Assim, por exemplo, para Kjaer (1990) e para muitos outros, *bill of exchange* será um termo complexo e *to accept a bill of exchange* será uma frase tendo como núcleo um termo, isto é, um exemplo de fraseologia. Tal é também a posição de H. Picht (1987) e de M. Cormier (1989). No seguimento dos trabalhos de Picht, Heid e Freibott na Europa, vêm outros desenvolvimentos da fraseologia especializada no Canadá (por exemplo, B. Cohen, 1986; Kukulska-Hulme, 1990; C. Lainé, S. Pavel, M. Boileau, 1992/1993...).

Em 1993, S. Pavel define a fraseologia especializada da seguinte maneira:

“par phraséologie spécialisée, nous entendons la combinatoire syntagmatique des unités terminologiques, prises comme noyaux de cooccurrences usuelles ou privilégiées dans les textes d'une spécialité. Ces solidarités lexicales présentent divers degrés de figement (combinaisons fixées, restreintes, libres), de commutabilité, de compactage, de fréquence, de spécialisation et de prévisibilité lexicosémantique (...). Les unités phraséologiques sont du type Nom + Nom, Nom + Adjectif, Nom + Verbe, Verbe + Nom (Pavel, 1993b, p.10)”.

Uma evolução destaca-se, no entanto, nestes trabalhos: os termos podem ser bases ou colocativos nas diferentes combinações.

Para resumir a questão, a unidades fraseológicas especializadas parecem apresentar um conjunto de propriedades:

- incluem, no mínimo, um termo simples ou complexo;
- têm um certo grau de fixação determinado pelas relações sintático-semânticas;
- têm uma frequência significativa nos textos em que surgem.

Segundo a maior parte dos linguistas, distinguem-se de outras unidades sintagmáticas – unidades terminológicas polilexicais – bem como de unidades sintagmáticas puramente ocasionais ou discursivas. Note-se, porém, que do ponto de vista do processamento automático da linguagem natural, os programas de aquisição terminológica tratam a questão não estabelecendo a distinção entre unidade terminológica polilexical e unidade fraseológica especializada, tal como uma boa parte dos estudos sobre a fraseologia da língua geral, o que de certo modo vem “baralhar os dados”. Voltaremos a esta problemática nas nossas propostas de modelo de análise e representação da fraseologia de especialidade. Vejamos, antes, os critérios frequentemente propostos para a identificação e selecção das unidades fraseológicas.

## 2.3 Critérios de identificação e de selecção das unidades fraseológicas

Os critérios de identificação e de selecção das unidades fraseológicas normalmente adoptados podem ser sub-categorizados



em: critérios sintácticos, semânticos e quantitativos ou de uso. Note-se que os critérios sintácticos predominam e raramente encontramos um modelo integrando sintaxe, semântica e pragmática (pelo que renovaremos algumas das nossas propostas de 1996).

Quanto aos critérios sintácticos, destaca-se o carácter sintagmático, uma certa estabilidade sintáctico-semântica, diferentes graus de fixação ou lexicalização, dependendo da inserção de elementos novos ou da variação de elementos e da possibilidade de comutação com outros elementos.

Do ponto de vista semântico-pragmático o critério mais frequente é, por um lado, a presença na unidade fraseológica de um termo (simples ou complexo) e o seu emprego num âmbito específico.

Relativamente aos critérios quantitativos ou de uso, destaca-se o critério da frequência mais ou menos elevada em textos de um dado domínio de especialidade.

Para resumir o estado actual da investigação, todos os linguistas encaram a fraseologia como um fenómeno de combinatória. Nas línguas de especialidade, trata-se grosso modo do contexto linguístico dos termos, que devem ser considerados numa sintaxe mais alargada do que aquela que define o sintagma denominativo no sentido de unidade polilexical. As unidades fraseológicas não são nem totalmente fixas nem completamente livres. Os autores que falam de colocações têm tendência a considerar que o elemento terminológico faz apelo a elementos colocativos. No entanto, um termo tanto pode ser sujeito como objecto, o que invalida de certo modo esta posição teórica.

Quanto aos processos adoptados para a identificação e extracção dos fraseologismos, os critérios sintácticos são os mais frequentes, baseados em princípios distribucionalistas e transformacionalistas.

No que respeita os critérios quantitativos, isto é, os cálculos de frequência, ainda que desempenhem um papel importante na

análise automática, há que relativizar este critério, relacionando-o com os outros.

Uma última questão subsiste, no entanto, sendo esta de ordem semântico-sintáctica: deve-se incluir ou não as unidades terminológicas complexas, ditas polilexicais, na componente fraseológica das línguas especializadas? Haverá fundamento científico suficientemente válido para estabelecer uma separação rígida entre unidades fraseológicas e unidades terminológicas polilexicais ou estas inscrevem-se num certo *continuum* sintagmático?

A nosso ver, a exclusão das unidades terminológicas complexas da fraseologia especializada corresponde a uma etapa dos estudos terminológicos e fraseológicos em que língua geral e língua especializada eram encaradas como duas realidades linguísticas distintas. No entanto, é fácil ver os limites desta abordagem. Tome-mos um exemplo das Ciências do Trabalho em português europeu: *condições de trabalho* é um termo complexo, ao qual se associam frequentemente os verbos *analisar*, *mudar*, *melhorar*. Certas nominalizações constituem também termos complexos, tais como: *análise das condições de trabalho*, *mudança das condições de trabalho* ou *melhoria das condições de trabalho*. Por conseguinte, não parece haver fundamento científico para excluir da fraseologia as unidades polilexicais.

Num trabalho recente no âmbito das publicações do Centro IULATERM (Barcelona), C.R. Bevilacqua (2001) aborda a fraseologia especializada no domínio da energia solar e, embora constatare que é difícil estabelecer com nitidez a distinção entre unidades fraseológicas especializadas e unidades terminológicas polilexicais (2001, p. 121), parece partir do princípio de que elas são distintas, ao chegar à conclusão que as unidades cujo núcleo sintáctico é um verbo correspondem a uma unidade fraseológica especializada, enquanto as unidades cujo núcleo sintáctico corresponde a uma nominalização estão mais próximas das unidades terminológicas polilexicais. Porém, ainda que faça apelo a outros critérios, não consegue fundamentar esta impressão.

Propomos então considerar-se que toda unidade fraseológica especializada comporta um termo simples ou complexo (e estes não se limitam à categoria nominal), sem que se exclua da unidade fraseológica especializada uma unidade terminológica sintacticamente mais alargada; mas também sem que se limite a fraseologia especializada a unidades terminológicas polilexicais.

Vejamos em seguida algumas das nossas propostas de análise e representação da fraseologia de especialidade, à luz dos modelos existentes. Estas inscrevem-se num modelo teórico que considera a existência de uma continuidade entre língua geral e língua especializada. E, tal como para o fenómeno combinatório na língua geral, também nas línguas especializadas a dimensão fraseológica deve ser analisada – de um ponto de vista linguístico – como um fenómeno entre léxico, sintaxe, semântica e pragmática, isto é, entre a língua e os usos. O nosso modelo não exclui aquilo que na Teoria Comunicativa da Terminologia (Escola de Barcelona) é designado “perspectiva cognitiva” e “perspectiva social”. Muito simplesmente, situamos os aspectos cognitivos na dimensão semântica e os aspectos relacionados com as distintas situações de comunicação (emissor, destinatário, função dos textos especializados, etc.), situamo-los na dimensão pragmática, na continuidade da tradição dos estudos linguísticos.

### 3. POR UM MODELO MULTIDIMENSIONAL DE ANÁLISE E REPRESENTAÇÃO DA FRASEOLOGIA DE ESPECIALIDADE

#### 3.1 Fraseologia de especialidade: entre léxico, sintaxe, semântica e pragmática

Para ilustrarmos as nossas propostas teórico-metodológicas, servir-nos-emos de exemplos extraídos da nossa base de dados textual e terminológica de Ciências do Trabalho,<sup>2</sup> domínio directamente ligado à multidisciplinariedade e à interdisciplinariedade.

<sup>2</sup> Esta base por enquanto limita-se ao uso interno do Departamento de Estudos dos Países de Língua Portuguesa da Universidade de Paris 8.

Começaremos por salientar a utilidade dos modelos com fundamento sintáctico-distribucional, pois a distribuição e as restrições distribucionais constituem o próprio princípio da fraseologia – combinações de unidades usuais e convencionais com um certo grau de fixação. Os modelos de base distribucional conduzem a descrições categoriais de colocações. Tomemos como exemplo o termo nominal *organização* e observemos algumas correlações sintácticas e suas categorias colocacionais:

- organização burocrática
- organização complexa
- organização eficaz
- organização funcional
- organização formal
- organização hierárquica
- organização humana
- organização ideológica
- organização social
- organização informal
- organização espontânea
- organização industrial
- organização pequena
- organização grande
- teorias de organização
- funcionamento das organizações
- análise científica das organizações
- estudo das organizações
- análise sociológica das organizações
- gestão das organizações
- administração das organizações
- especialista das organizações

- reflexão sobre as organizações
- intervenção sobre as organizações
- aplicação de uma análise às organizações
- análise das organizações
- observação das organizações

Entre as vinte e sete ocorrências encontradas, treze têm a função de modificador de *organização* e quatorze são nomes sobre os quais *organização* exerce a função de modificador. Mas, nestas últimas, há algumas que devem ser interpretadas como nominalizações de frases em que *organização* é objecto, tal como:

- análise das organizações
- reflexão sobre as organizações
- intervenção nas organizações
- observação das organizações

correspondendo a:

- analisar as organizações
- reflectir sobre as organizações
- intervir nas organizações
- observar as organizações

A partir desta lista, podemos organizar as colocações de *organização* segundo a amostra, observando as classes gramaticais das palavras que se combinam com o termo, seguindo um processo já tradicional:

- Adjectivos (qualificativos de *organização*): burocrática, complexa, eficaz, funcional, formal, hierárquica, humana, ideológica, social, informal, espontânea, industrial, grande, pequena;
- Verbos (regendo *organização*): analisar, reflectir, intervir, aplicar uma análise, observar;
- Nomes (dos quais *organização* é modificador): teoria, funcionamento, estudo, gestão, reflexão, intervenção, aplicação (de uma análise), análise, observação.

Assim, a partir deste exemplo, é possível fazer uma descrição categorial dos co-ocorrentes de *organização*: Nome + Adjectivo (ou Adjectivo + Nome), Nome + Nome, Nome + Verbo.

A perspectiva é puramente sintáctica e particularmente distribucionalista (ver Kocourek, 1982/1991a; B. de Bessé, 1991; U. Heid e G. Freibott, 1991).

As listas tipológicas de combinações mais usuais segundo as categorias gramaticais de base permitem descobrir a utilização correcta das preposições. Permitem igualmente descobrir ou deixar subjacentes listas de combinações ocasionais (a este propósito G. Gross fala de predicados gerais e predicados apropriados). Uma categorização mais fina permite distinguir classes mais específicas. Por exemplo, as colocações do tipo Nome + Verbo podem subdividir-se em dois tipos, consoante o nome é sujeito ou complemento do verbo.

Em grandes traços, estes são os princípios teórico-metodológicos do que nós chamamos “fundamento sintáctico-distribucional”. Apresentam um leque de possibilidades, mas faltam as “instruções de utilização”, que na nossa perspectiva só podem ser fornecidas através do alargamento das distribuições às transformações, por um lado e, por outro, do “fundamento semântico”, pois certas regularidades reenviam para uma análise das relações semânticas das combinações fraseológicas. Tudo isto, tendo em conta as condições pragmáticas de utilização (“fundamento pragmático”).

As listas de combinações frequentes e usuais conduzem a outras listas, as das restrições paradigmáticas, que podem depender directamente do tipo de discurso (grau de especialização, situação de comunicação, etc.). Por exemplo, nas Ciências do Trabalho, mais propriamente na gestão de recursos humanos, podemos encontrar a combinatória *recrutamento de recursos humanos* ou podemos encontrar a verbalização correspondente. No entanto, não encontramos os nomes de agente *recruta*, *recrutador*, existentes no domínio militar. Estas transformações reenviam para as famílias morfológicas, para os paradigmas denominativos especializados (ver P. Lerat, 1995).

Existem transformações mais plausíveis do que outras. A extracção automática a partir de *corpora* alargados permite controlar o seu emprego efectivo. Esta é a abordagem de fundamento sintáctico-transformacional.

Porém, até aqui nenhuma informação de carácter semântico foi fornecida. Como distinguir e escolher, por exemplo, o colocador adequado numa segunda língua, sem que haja indicações precisas sobre as relações semânticas entre os diferentes colocadores de uma dada unidade lexical?

Se tomarmos como base os colocadores nominais verbais e adjectivais de *contrato de trabalho*, podemos identificar relações semânticas diversas, como, por exemplo:

– relações hiponímicas:

- contrato de formação
- contrato a prazo
- contrato fixo
- contrato à experiência
- contrato de aprendizagem

– relações sinonímicas (ou melhor, para-sinonímicas):

- rescindir um contrato

- anular um contrato

– relações antonímicas:

- rescindir vs fazer

- concluir/ celebrar vs anular / rescindir

Finalmente, as condições pragmáticas de utilização presidem a qualquer escolha discursiva. Por exemplo, *rescindir* será mais “oficial” do que *anular*. As restrições pragmáticas têm à partida que ser integradas em todo e qualquer modelo de análise fraseológica.

Poderíamos representar, ainda que de maneira grosseira mas imagética, o nosso modelo do seguinte modo:

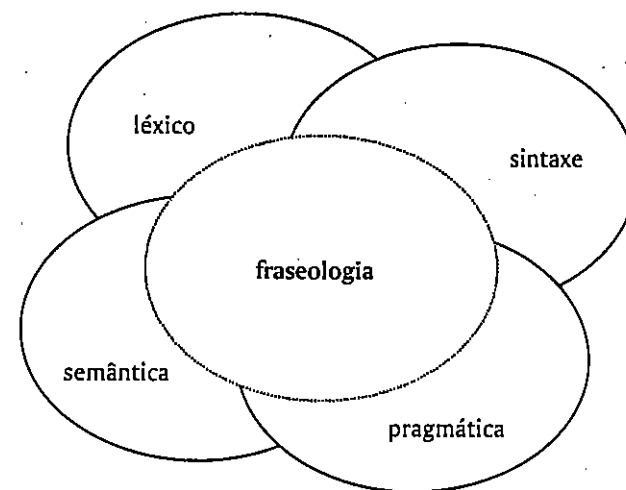


Figura 1: modelo de análise fraseológica

### 3.2 Propostas para a investigação fraseológica contrastiva

“Pour la phraséologie, les lignes de séparation géopolitiques se transforment en traits d’union culturels et l’observation interlinguale et la réflexion supralinguistiques sont vitales” (G. Gréciano, 1993, p. 17).

Com efeito, o contacto linguístico favorece a tomada de consciência em relação a certos problemas. Pode tratar-se de um bilinguismo natural, da aprendizagem de uma língua estrangeira ou da tradução profissional. Neste âmbito de trabalho, aprendentes de línguas de especialidade e tradutores devem fazer face a utilizações contextuais particulares. Um fraseologismo não se traduz forçosamente por um fraseologismo na língua-alvo e a equivalência perfeita, mesmo entre línguas próximas, é uma utopia (por exemplo, *pedido de indenização* (português) / *demande de dommages et intérêts* (francês)).

Nesta ordem de ideias, a fraseologia comparativa deve constituir uma finalidade em si, na medida em que pode esclarecer certos pontos obscuros e abrir outras vias teóricas e metodológicas.

Por exemplo, a análise comparativa do português europeu e do francês no domínio das Ciências do Trabalho faz-nos entrever questões formais, semânticas e pragmáticas, na medida em que o enunciado fraseológico está claramente ligado aos conhecimentos especializados, que podem estar dependentes de uma dada cultura, a um funcionamento discursivo e a um dado grupo socio-profissional. Parece legítimo interrogarmo-nos sobre as consequências da introdução dos parâmetros da situação comunicacional na metodologia de consignação e de gestão dos dados fraseológicos. É o que veremos a seguir.

### 3.3 Consignação e gestão dos dados fraseológicos

As possibilidades de consignação e gestão dos dados fraseológicos dependem antes de mais de duas situações de base: pode tratar-se de um dicionário electrónico ou de um dicionário-papel. As nossas propostas limitam-se aqui ao primeiro caso.

De um ponto de vista figurativo e representacional, a componente fraseológica apresenta-se normalmente da seguinte maneira (exemplo em francês extraído da nossa base):

*contrat de travail*

DEF (définition): convention par laquelle une personne s'engage à mettre son activité à la disposition d'une autre, à laquelle elle se subordonne, moyennant rémunération.

PH/CONT (phraséologie/contexte): V. (sujet): résilier ~, dissoudre ~, annuler ~, rompre ~, suspendre ~, signer ~, conclure ~, rédiger ~.

Adj.: ~ emploi-formation, ~ à durée déterminée, ~ à l'essai, ~ d'apprentissage; ~ avantageux,..

Nom: annulation ~, résiliation ~, suspension ~,...

Contudo, já vimos o carácter pouco informativo destas listas. A análise fraseológica deve implicar uma explicitação de conhecimentos de ordem diversa: relações semânticas, indicações pragmáticas e restrições sintácticas.

Estas informações devem ser fornecidas, por exemplo, em hipertexto: formas regulares e irregulares, lícitas e ilícitas, segundo as práticas estilísticas de cada língua, relações semânticas entre co-ocorrentes, preferências segundo as condições pragmáticas de emprego.

A componente fraseológica reflecte frequentemente a assimetria entre as línguas e é precisamente essa assimetria que o utilizador pretende visualizar.

### CONCLUSÕES E PERSPECTIVAS

Tentámos fazer um balanço dos estudos fraseológicos de especialidade, apresentando as suas evoluções num eixo diacrónico recente e em diferentes áreas geográficas. Apresentámos certas tradições e inovações. Vimos as principais aplicações da fraseologia de especialidade.

Apresentámos o nosso modelo teórico-metodológico, que se baseia na existência de uma continuidade entre fraseologia geral e fraseologia especializada.

Na nossa óptica, a fraseologia de especialidade situa-se numa zona fronteiriça entre léxico, sintaxe, semântica e pragmática e, como tal, só um modelo integrando estes níveis de análise linguística pode ser útil para uma análise e representação das fraseologias de especialidade.

A fraseologia comparada deve constituir uma finalidade em si, para servir as necessidades didácticas e traducionais. Porém, neste campo ainda está tudo por fazer, nomeadamente em certos domínios do saber menos descritos, em domínios recentes ou de ponta

DESMET, Isabel. Teoria e prática da fraseologia de especialidade: aplicações.

e, de uma maneira geral, na moderna lexicografia em que o português é a ou uma das línguas consideradas.

## BIBLIOGRAFIA

- ALLEN, S. (1976) On Phraseology in Lexicology. *Cahiers de Lexicologie*, 29-2. Paris, Didier Erudition, p. 83-90.
- ARNTZ, R. (1993) Terminological Equivalence and Translation. In SONNEVELD H. and LOENING K. (eds.) *Terminology: Applications in interdisciplinary communication*. Amsterdam / Philadelphia, John Benjamins, p. 5-20.
- BÉJOINT, H.; THOIRON, Ph. (1992) Macrostructure et microstructure dans un dictionnaire de collocations en langue de spécialité. *Actes du colloque Terminologie et Phraséologie en Traduction*, Genebra, out. 1991. *Terminologie et traduction*, n. 2-3, 1992. Luxembourg, Office des publications officielles des Communautés européennes, p. 513-22.
- BENSON, M. (1985) A combinatory dictionary of English. *Dictionaries* 7, p. 189-200.
- \_\_\_\_\_. (1989) The structure of the collocational dictionary. *International Journal of Lexicography*, n. 2.
- BENSON, M.; BENSON, E.; ILSON, R. (1986a) *The BBI combinatory dictionary of English: a guide to word combinations in English*. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins.
- BENSON, M.; BENSON, E.; ILSON, R. (1986b) *The Lexicographic description of English* (Studies in Language Companion Series 14). Amsterdam / Philadelphia, John Benjamins.
- BESSÉ, B. de (1991) Le contexte terminographique. *Méta* v. 36, n. 1. Montréal, Les Presses de l'Université de Montréal, p. 111-20.
- BEVILACQUA, C. R. (2001) Unidades fraseológicas especializadas: elementos para su identificación y descripción. *La Terminología científico-técnica*. Barcelona, IULATERM.
- BLAIS, E. (1993) Le phraséologisme. Une hypothèse de travail. *Actes du séminaire international Phraséologie*, Hull, maio 1993. *Terminologies Nouvelles*, n. 10. RINT, Agence de Coopération Culturelle et Technique / Communauté Française de Belgique, p. 50-6.
- BOILEAU, M. (1993) Terminologie et phraséologie: un heureux mariage. *L'Actualité Terminologique*, v. 26, n. 2. Secrétariat d'Etat du Canada, p. 16-7.
- BUDIN, G. (1990) Terminological analysis of Lsp phraseology. *Terminology Science and Research*, Journal of the International Institute of Terminology Research (IITF), v. 1, n. 1-2. International Network of Terminology (TermNet), p. 64-9.
- COHEN, B. (1987) Vous avez dit... cooccurrent?. *Terminogramme*, n. 41-2. Québec, Office de la Langue Française.
- \_\_\_\_\_. (1992) Méthodes de repérage et de classement des cooccurrents lexicaux. *Actes du colloque Terminologie et phraséologie en traduction*, Genebra, out. 1991. *Terminologie et Traduction*, n. 2-3, 1992, Luxembourg, Office des Publications Officielles des Communautés Européennes, p. 505-11.
- Filol. lingüíst. port., n. 5, p. 27-56, 2002.
- CORMIER, M. (1989) La terminologie: du terme au texte. *Actes du colloque Terminologie diachronique*, Bruxelles, mar. 1988. Centre de terminologie de Bruxelles / Institut libre Marie Haps, CILF, p. 212-8.
- COWIE, A. et alii (1983) *Oxford dictionary of current idiomatic English*, v. 2: Phrase, Clause and Sentence Idioms. London, Oxford University Press.
- DESCAMPS, J.-L. (1994) Tournoi pour l'accommodement des dictionnaires de collocations. *Méta*, v. 39, n. 4, dez. 1994. Montréal, Les Presses de l'Université de Montréal, p. 561-75.
- \_\_\_\_\_. et alii (1976) *Dictionnaire contextuel de français pour la géologie, Essai de classement d'une concordance de français scientifique et étude critique*. Ecole Normale Supérieure de Saint-Cloud, CREDIF, Didier, 2 volumes.
- DESMET, I. (1991) Terminologia e fraseologia: tendências actuais. *Terminologias*, n. 3-4, Lisboa, TERMIP.
- \_\_\_\_\_. (1994) Propositions pour la recherche en phraséologie contrastive. *La Banque des Mots*, n° spécial. Paris, CTN - CILF - CNRS, p. 45-59.
- \_\_\_\_\_. (1996) *Pour une approche terminologique des sciences sociales et humaines. Les sciences sociales et humaines du travail en portugais et en français*, thèse de doctorat en sciences du langage, Université Paris XIII, 3 tomes (environ 800 pages).
- E.N.S. Fontenay/ Saint-Cloud (1997) *La locution entre langues et usages*. Paris, ENS Editions.
- \_\_\_\_\_. (1995) *Cahiers du français contemporain, La locution en discours*. Paris, CREDIF.
- EUROPHRAS 88 (1989) *Phraséologie contrastive, Actes du colloque international* (éd. GRÉCIANO G.), Klingenthal-Strasbourg, Université des Sciences Humaines, Collection Recherches Germaniques n. 2.
- FIALA, P. (1987): Pour une approche discursive de la phraséologie: remarques en vrac sur la locutionnalité et quelques points de vue qui s'y rapportent, sans doute, *Langage et société*, v. 42, p. 27-44.
- GAMBIER, Y. (1992) Socioterminologie et phraséologie: pertinence théorique et méthodologique. *Actes du colloque Terminologie et phraséologie en traduction*, Genebra, out. 1991. *Terminologie et Traduction*, n. 2-3. Luxembourg, Office des Publications Officielles des Communautés Européennes, p. 397-409.
- GOUADEC, D. (1992) Terminologie et phraséologie. Principes et schémas de traitement, *Actes du colloque Terminologie et phraséologie en traduction*, Genebra, out. 1991. *Terminologie et traduction*, n. 2-3. Luxembourg, Office des Publications Officielles des Communautés Européennes, p. 549-63.
- \_\_\_\_\_. (1993) Terminologie et phraséologie. Acteurs et aménageurs. *Actes de la deuxième Université d'Automne en Terminologie*. Rennes, set. 1993. DIST, La Maison du Dictionnaire.
- GRÉCIANO, G. (1993) Vers une modélisation phraséologique: Acquis et projets d'EUROPHRAS. *Actes du séminaire international Phraséologie*, Hull, maio 1993. *Terminologies Nouvelles*, n. 10. RINT, Agence de Coopération Culturelle et Technique / Communauté Française de Belgique, p. 16-22.
- GROSS, G. (1988) Degré de figement des noms composés. *Langages* n. 90. Paris, Larousse, p. 52-72.

- HABERT, B. et alii (1997) *Les linguistiques de corpus*. Paris, Armand Colin.
- HAUSMANN, F. J. (1979) Un dictionnaire des collocations est-il possible?, *Travaux de linguistique et de littérature XVII*, n. 1, p. 187-95.
- \_\_\_\_\_. (1985) Kollokationen im deutschen Wörterbuch. Ein Beitrag zur Theorie des lexikographischen Beispiels, Bergenholtz; Mugdan (Eds), p. 118-29.
- \_\_\_\_\_. (1988) Grundprobleme der Zweiprächigen Lexikographie, Hyltdgaard – Jensen; Zettersten (Ed.); Tübingen, Max Niemeyer.
- HEID, U. (1989) Attentes des terminologies à l'égard des programmes d'élaboration des dictionnaires, *Terminologie Diachronique*, Actes du colloque organisé à Bruxelles les 25 et 26 mars 1988, Centre de Terminologie de Bruxelles / Institut Libre Marie Haps, CILF, p. 221-42.
- \_\_\_\_\_. (1992) Décrire les collocations. Deux approches lexicographiques et leur application dans un outil informatisé, *Actes du colloque Phraséologie et terminologie en traduction*, Geneva, out. 1991, *Terminologie et traduction*, n. 2-3, Luxembourg, Office des Publications Officielles des Communautés Européennes, p. 523-48.
- HEID, U. ; FREIBOTT, G. (1991) Collocations dans une base de données terminologique et lexicale. *Méta*, v. 36, n. 1. Montréal; Les Presses de l'Université de Montréal, p. 77-91.
- KJAER, A. L. (1990) Phraseology Research. State-of-the-art. *Terminology Science and Research*, Journal of the International Institute of Terminology Research (IITF), v. 1, International Network for Terminology (TermNet), p. 3-20.
- KOCOUREK, R. (1982/1991) *La langue française de la technique et de la science*. Paris/Wiesbaden, Oskar Brandstetter.
- \_\_\_\_\_. (1991b) Textes et termes. *Méta*, v. 36, n. 1. Montréal, Les Presses de l'Université de Montréal, p. 71-6.
- KUKULSKA-HULME, A. (1989) L'organisation conceptuelle des dictionnaires automatiques pour textes techniques. *Méta*, v. 34, n. 3. Montréal, Les Presses de l'Université de Montréal, p. 381-97.
- \_\_\_\_\_. (1990) Un dictionnaire actions-acteurs pour l'informatique. *Terminogramme*, n. 55. Québec, Office de la Langue Française, Les Publications du Québec, p. 21-4.
- La locution: entre lexique, syntaxe et pragmatique* (1997), Publications de l'INALF, collection "Saint-Cloud". Paris, Klincksieck.
- LAINÉ, C. (1993a) Une approche terminologique de la phraséologie. *L'actualité Terminologique*, v. 26, n. 2. Bulletin du Bureau de la Traduction, Secrétariat d'Etat du Canada, p. 14-6.
- \_\_\_\_\_. (1993b) *Vocabulaire combinatoire de la CFAO mécanique*. Ottawa, Secrétariat d'Etat du Canada, RINT.
- LAINÉ, C.; PAVEL, S.; BOILEAU, M. (1992) La phraséologie – Nouvelle dimension de la recherche terminologique. Travaux du module canadien du Rint. *L'actualité Terminologique*, v. 25, n. 3. Secrétariat d'Etat du Canada, p. 5-9.
- LERAT, P. (1994) Dérivation lexicale et dérive terminologique. *Méta*, v. 39, n. 4. Montréal, Les Presses de l'Université de Montréal, p. 581-8.
- \_\_\_\_\_. (1995) *Les langues spécialisées*. Paris, Presses Universitaires de France, coll. Linguistique Nouvelle.

- LETHUILLIER, J. (1991) Combinatoire, terminologies et textes. *Méta*, v. 36, n. 1. Montréal, Les presses de l'Université de Montréal, p. 92-100.
- LOUBIER, C.; ROUSSEAU, L.-J. (1994/1995) L'acte de langage, source et fin de la terminologie. *Alfa*, v. 7-8. Actes de langue française et de linguistique, Terminologie et linguistique de spécialité. Universitas Dalhousiana, Halifax, Nova Scotia, Canada, p. 75-87.
- MEL'CUK, I. (1984) *Dictionnaire explicatif et combinatoire du français contemporain. Recherches lexico-sémantiques I*. Montréal, Les Presses de l'Université de Montréal.
- \_\_\_\_\_. (1988) Paraphrase et lexique dans la théorie linguistique sens-texte. *Cahiers de Lexicologie*. Paris, Didier Erudition, p. 5-50.
- \_\_\_\_\_. (1988) Paraphrase et lexique dans la théorie linguistique sens-texte, *Lexique 6*, Lexique et Paraphrase, Lille, 1988, p. 13-54.
- \_\_\_\_\_. (1993) *Cours de morphologie générale*, v. 1, Introduction et première partie: le mot. Montréal, Les Presses de l'Université de Montréal, CNRS Éditions.
- \_\_\_\_\_. et alii (1989) *Dictionnaire explicatif et combinatoire du français contemporain. Recherches lexico-sémantiques II*. Montréal, Les Presses de l'Université de Montréal.
- \_\_\_\_\_. et alii (1992) *Dictionnaire explicatif et combinatoire du français contemporain. Recherches lexico-sémantiques III*. Montréal, Les Presses de l'Université de Montréal.
- PAVEL, S. (1993a) La phraséologie en langue de spécialité. Méthodologie de consignation dans les vocabulaires terminologiques. *Actes du séminaire international Phraséologie*, Hull, maio 1993. *Terminologies Nouvelles*, n. 10. RINT, Agence de Coopération Culturelle et Technique / Communauté Française de Belgique, p. 67-82.
- \_\_\_\_\_. (1993b) Vers une méthode de recherche phraséologique de langue de spécialité. *L'Actualité Terminologique*, v. 26, n. 2, Secrétariat d'Etat du Canada, p. 9-13.
- \_\_\_\_\_. (1993c) Neology and Phraseology as Terminology-in-the-Making. In SONNEVELD; H.; LOENING; K. (eds.) *Terminology: Applications in Interdisciplinary Communication*. Amsterdam / Philadelphia, John Benjamins, p. 21-34.
- \_\_\_\_\_. (1993d) *Bibliographie de la phraséologie (1905-1992)*. Ottawa, RINT / Secrétariat d'Etat du Canada.
- PESANT, G.; THIBAUT, E. (1993) Terminologie et cooccurrence dans la langue du droit. *Actes du séminaire international Phraséologie*, Hull, maio 1993. *Terminologies Nouvelles*, n. 10. RINT, Agence de Coopération Culturelle et Technique / Communauté Française de Belgique, p. 23-35.
- PICHT, H. (1987a) Terms and their Lsp environment. *Méta*, v. 32, n. 2. Montréal, Les Presses de l'Université de Montréal, p. 149-55.
- \_\_\_\_\_. (1990) Lsp phraseology from the terminological point of view. *Terminology Science and Research*, Journal of the International Institute of Terminology Research (IITF), v. 1, International Network for Terminology (TermNet), p. 33-48.
- ROBERTS, R. (1993) La phraséologie: état des connaissances, *Actes du séminaire international Phraséologie*, Hull, maio 1993. *Terminologies Nouvelles*, n. 10. RINT, Agence de Coopération Culturelle et Technique / Communauté Française de Belgique, p. 36-42.
- SINCLAIR, J. (1987) *An account of the COBUILD English Language dictionary*. London, Glasgow, Collins.

DESMET, Isabel. Teoria e prática da fraseologia de especialidade: aplicações.

THOIRON, P.; BÉJOINT, H. (1989) Pour un index évolutif et cumulatif de cooccurrents en langue techno-scientifique sectorielle. *Méta*, v. 34, n. 4. Montréal, Les Presses de l'Université de Montréal, p. 661-71.

TIA-2001, *Actes des quatrièmes rencontres Terminologie et intelligence artificielle*. Nancy, INIST-CNRS.

**RÉSUMÉ:** Dans le présent article, on traite certaines questions théoriques et pratiques de la phraséologie de spécialité. On tente de montrer les relations existant entre la théorie et la pratique et les applications directes de cette branche des études linguistiques: lexicographie, traduction et enseignement/apprentissage des langues. On présente un bref panorama de l'évolution des études phraséologiques de la langue générale et des langues spécialisées au cours du XX<sup>ème</sup> siècle. On propose un modèle théorique pour l'analyse et la représentation des phraséologies spécialisées qui comporte quatre niveaux d'analyse linguistique: lexicque, syntaxe, sémantique, pragmatique.

**Mots-clés:** langues spécialisées, phraséologie de spécialité, terminologie, lexicque, syntaxe, sémantique, pragmatique.